



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GERLANE PRISCILA DA SILVA LIMA**

**O SENTIMENTO DO MEDIEVO À MODERNIDADE: de pequenos homens à  
crianças**

**CAMPINA GRANDE  
2016**

**GERLANE PRSCILA DA SILVA LIMA**

**DE PEQUENOS ANÕES A CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo

**CAMPINA GRANDE**

**2016**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S586s Lima, Gerlane Priscila da Silva.  
O sentimento de infância do medievo à modernidade: de pequenos homens à crianças [manuscrito] : / Gerlane Priscila da Silva Lima. - 2017  
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Glória Maria Leitão de Souza Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Medievo e Modernidade. 2. Representações. 3. Bruxas.  
4. Infância.

21. ed. CDD 150

**GERLANE PRISCILA DA SILVA LIMA**

**O SENTIMENTO DE INFÂNCIA DO MEDIEVO À MODERNIDADE: de  
pequenos homens à crianças**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de graduação em  
Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito para à obtenção  
do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 21 / 10 / 2016

**BANCA EXAMINADORA**

Glória Maria Leitão de S. Melo

Prof. Dra. Glória M<sup>a</sup> Leitão de Souza Melo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria José Guerra

Prof. Dra. Maria José Guerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Socorro Moura Montenegro

Prof. Dra. Socorro Moura Montenegro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, por ter me dado paciência e conhecimento para alcançar meus objetivos, e por colocar na minha frente apenas o que posso carregar e evoluir. A minha família que me ajuda a ver o significado de crescimento dia após dia. DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ser tão amoroso e misericordioso por permitir tal conquista. Por colocar em minha vida dificuldades que me ajudam a crescer espiritualmente, pessoalmente e academicamente.

À minha família todo apoio de sempre e companhia nos momentos de aflição e choro na trajetória acadêmica, principalmente à meu pai, que representa para mim um exemplo de honra, humildade e amor; amor fraterno, amor ao próximo, amor incondicional.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UEPB, por contribuíram para minha formação.

À coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia, a professora M<sup>a</sup> José Guerra, por todo seu apoio acadêmico e muitas vezes pessoal, que com toda sua sabedoria soube me ajudar com seus conselhos, me fazendo enxergar mais longe. E os funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos meus colegas de classe, em especial, Jaelson Ventura e Mahatma Souza, pelos momentos agradáveis tanto no âmbito acadêmico quanto na vida, obrigada por todo apoio e amizade, os levarei para sempre em meu coração, meus amigos, meu irmãos.

E a minha professora orientadora, Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo, que mesmo com suas inúmeras atribuições na instituição. Aceitou de bom grado, orientar meu trabalho, com críticas construtivas que me fazem ir mais longe na minha caminhada acadêmica.

*A infância é como a água que desce da bica, e nunca mais volta.*

Camilo Castelo Branco

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. DOS PEQUENOS HOMENS AO UNIVERSO DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA</b> 12	
<b>3. A COMUNIDADE ALDEÃ E A INDIVIDUALIZAÇÃO DA INFÂNCIA .....</b>	<b>14</b>
<b>4. DOS CONTOS INFANTIS AO UNIVERSO DOS PEQUENOS HOMENS.....</b>	<b>16</b>
<b>5. A HISTÓRIA DA CRIANÇA NO BRASIL... PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM</b> 20	
5.1 O NASCIMENTO DA CRIANÇA NO BRASIL COLÔNIA .....	20
5.2 PERIGOS QUE RODEAVAM AS CRIANÇA NA COLÔNIA... BRUXAS .....	22
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
ABSTRACT .....	24
REFERÊNCIAS .....	24



## **O SENTIMENTO DO MEDIEVO À MODERNIDADE: de pequenos homens à crianças**

Gerlane Priscila da Silva Lima\*

### **RESUMO**

O objetivo deste estudo é analisar a ausência do sentimento de infância e do universo infantil, em um espaço delimitado, no medievo, bem como detectar as rupturas e continuidades, inscritas na mentalidade da sociedade europeia no transcurso da modernidade evidenciando a construção social do sentimento de infância e a conseqüente ressignificação de seu papel na modernidade. Nosso intento, ainda também, é identificar como esses sujeitos, por muito tempo silenciados, negligenciados a luz da história, do fazer história, foram apresentados e reapresentados nesse período de transição, entre a medievalidade e a modernidade. Para tanto, trata-se de um artigo bibliográfico o qual analisaremos autores que trataram a questão da infância, da ausência do sentimento de infância e, notadamente, de sua gradual construção no transcurso da modernidade. Partiremos, portanto, dos estudos de Phillipe Áries (1978). Na pretensão de analisarmos a ausência do conceito de infância nesse período de transição, nos soaram pertinentes os trabalhos de Robert Darnton (2011) em sua análise dos contos de mamãe ganso. Ainda sobre a infância, a leitura de Gélis (2009) nos permite pensar como, ao longo da modernidade, fruto de um desejo de civilizar os corpos e os costumes, haverá uma individualização do corpo infantil. Logo, guiamos o texto pelas seguintes questões: podemos falar em infância, ou de um espaço reservado a criança na transição do medievo a modernidade? Quem eram as crianças no início dos tempos modernos? Como se dava a relação entre o público e o privado no processo de sociabilidade dos “pequenos homens”? Que mudanças essenciais ocorreram no transcurso dos séculos XVII e XVIII que acabam por ressignificar, reconfigurar, o papel, o lugar, a representação da criança na sociedade moderna? Sendo essas as questões que nos interesse responder nas linhas que seguem.

**Palavras-Chave:** Infância. Medievo e Modernidade. Representações

---

\* Aluno de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: gerlabepsilima@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A finalidade desse artigo é verificar a ausência do sentimento de infância e do universo infantil, entre os períodos conhecidos por medieval e modernidade, evidenciando a construção social do sentimento de infância e a consequente ressignificação de seu papel na modernidade, verificando assim a visão que as pessoas tinham com relação a infância, e analisar como esse sentimento foi surgindo aos poucos na mentalidade europeia vivida entre os séculos V ao XIX, especialmente na França, e no início da modernidade no Brasil. A partir dessa proposta, o presente artigo usa autores que se dedicaram a fazer alguns estudos na área da infância.

O texto parte dos estudos de Phillipe Áries (1981), que percebe que o sentimento de infância era excluído. As crianças eram vistas como miniaturas de gente, os chamados “pequenos homens”, um exemplo disso é que nas primeiras imagens que as crianças eram representadas com rostos adultos, apenas com o tamanho reduzido. A percepção entre a diferença da criança e do adulto só aparecia no momento da morte ou da concepção da vida.

Jacques Gelis (1991) também analisa a criança, a partir da morte, onde as crianças eram consideradas reencarnação dos seus ancestrais, elas eram muito queridas e esperadas pelo fato das pessoas verem nelas a oportunidade de nascer novamente e não pelo simples fato de serem criança. Isso só irá acontecer no século XIV, quando as pessoas veem que as crianças são seres únicos e especiais, e que necessitam de cuidados e carinho. Outro texto utilizado no artigo foi o de Darnton (2011), onde é feita uma análise da infância através dos contos, mostrando que não havia distinção alguma com o que a criança podia ou não ouvir ou participar. Os contos analisados mostram que as histórias eram montadas em cenas de violência, atos sexuais e estupro.

Na época era muito comum também, os contos, de uma forma geral, relatarem sobre famílias que viviam na miséria e acabavam abandonando seus filhos, como o conto do “Pequeno polegar”. Isto acontecia diariamente, por que os camponeses ensinavam seus filhos o que deviam saber para sobreviver no universo hostil da floresta, da fome, da peste, do frio, enfim, das condições reais em que viviam. A

tradição oral era usada como linguagem prioritária neste tipo de educação... Os ensinamentos eram transmitidos de pai para filho, de geração à geração.

No séc. XVII e XVIII as narrativas orais são postas em textos escritos, “os contos de fadas” onde se é acrescentado o final feliz e a moral da história... O conceito de criança “estava” formado... As características angelicais... O lugar específico dedicado a elas na casa e na família...

Para analisar a história da criança no Brasil, escolhemos a historiadora Mery Del Priore (1991), que se dedicou à criança no período da Colônia. Diferente dos outros autores, Priore estuda o Brasil em um período no qual as pessoas já sentiam o sentimento da infância, onde as famílias já possuíam a necessidade de cuidar de seus filhos para que nada de mal lhe acontecesse.

Priore analisa a infância a partir do nascimento da criança, observando os cuidados que as pessoas tinham quando a mãe ainda estava em trabalhos de parto. Pelo que podemos observar nas narrativas da autora, identificamos também o sentimento de “público” nas crianças, não com o mesmo significado apontado por Jacques Gelis (1991), mas ao passo que haviam várias testemunhas no nascimento da criança, pessoas (mulheres) ficavam amontoadas ao lado da mãe até o momento em que o filho (a) nascesse.

A autora vai estudando todo o processo que a infância passa, desde o nascimento, como já foi citado, como também analisa os alimentos que se podiam dar para uma criança com determinada idade, e estuda os perigos que rodeavam essa criança, passando pelos mitos que cercavam a mentalidade da época.

O artigo se baseia justamente nessas ideias apontadas acima, uma análise no tempo voltada para a visão que as pessoas possuíam sobre a infância/criança e os cuidados que haviam com esses seres.

John Luck, por exemplo, publica a “Da educação das crianças,” em Londres em 1693 e traduzida para o francês em 1695 por Pierre Coste, tornou-se um dos clássicos da pedagogia europeia no século XVIII. Já no início, o autor chama a atenção dos pais para as virtudes da prevenção como o meio mais eficaz de preservar a saúde dos filhos, “Falando aqui da saúde, meu objetivo não é dizer-vos como um médico deve tratar uma criança enferma ou valetudinária, mas apenas indicar o que os pais devem fazer, sem o recurso da medicina, para conservar e aumentar a saúde de seus filhos ou pelo menos para dar-lhes uma constituição que não esteja sujeita a doenças”. E

essa era a ideia que as pessoas deveriam formar nas mentes e que formaram posteriormente.

Para a realização deste artigo foi necessário fazer uma pesquisa bibliográfica, seguido por as orientações de Severino (2007), ao afirmar que o artigo bibliográfico é aquele realizado através de pesquisas anteriores, a partir de registros disponíveis em bibliografias que já trataram do tema escolhido. Foi selecionado vários autores que nos ajudaram a ter uma visão mais clara e ampla sobre o tema escolhido, e podem ser encontradas em nosso rol de fontes, disponíveis a análise.

## **2. DOS PEQUENOS HOMENS AO UNIVERSO DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA**

O sentimento da infância é um assunto que a muito já foi abordado por o historiador e medievalista Phelippe Aires (1914 – 1984) seguidor da Escola dos Annales, um dos principais temas abordado por esse autor é sobre a vida diária das pessoas do período medieval, e sobre o sentimento da infância conhecido desde a Idade Média até o período que inicia a Idade Moderna.

Em seu livro “A História Social da Criança e da Família”, publicado em 1978 na versão brasileira, Aires mostra o discurso existente entre a percepção da infância em um mundo que ainda não a reconhecia.

No texto “A descoberta da Infância”, o autor mostra através de experiências vividas pela comunidade europeia entre os século V ao XIX, a importância que eles davam para as crianças da época, passando por cada momento e referenciando o comportamento das pessoas.

Em seu texto, Aires mostra a evolução do sentimento de infância nas pessoas e mostra também de que forma houve a descoberta das pessoas para esse sentido. Ainda podemos encontrar em seu texto fragmentos que nos mostram que as crianças não passavam de seres adultos porém com tamanhos reduzidos, até que em um determinado momento, as crianças começam a ter um valor mais angelical, através da iconografia, que transmitia a imagem da criança como um ser também divino, a exemplo do Cristo menino.

A fotografia e a pintura, ou imagem em sepulturas foram os lugares que deram o primeiro destaque para importância da criança na vida das pessoas, onde acredita

que quando uma pessoa morresse seu espírito iria sair em forma de criança. Mas isso só ocorre já no fim da Idade Média e começo da Idade Moderna.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (AIRES, 1978, p. 17).

No período medieval o sentimento da infância era ignorado, excluído da sociedade, por todos. As crianças eram vista como adultos, miniaturas de “gente grande”. Nas obras de arte os pintores desenhavam as crianças com expressões de adultos, diminuía apenas o tamanho, como se fossem anões.

As pessoas não notavam a diferença entre uma criança e um adulto, e se percebessem não faziam muita questão de não dá atenção. Quando tinha uma criança que mostrava muita disposição para o trabalho ou que era esperta o bastante para realizar algum trabalho que outras não faziam, eram logo comparadas a adultos guerreiros.

O sentimento de ausência da infância era tão forte, que até mesmo Jesus Cristo (Deus-Filho do cristianismo) era pintado de tal forma que era esquecido que ele era uma criança, e assim o pintavam como um homenzinho Deus.

Já na iconografia pré-bizantina do século V, em que aparecem traços da futura arte românica, reduziam-se as dimensões do corpo do morto. Os cadáveres eram menores que os corpos dos vivos [...] Na arte medieval francesa, a alma era representada por uma criancinha nua e em geral assexuada. (AIRES, 1978, p. 19).

O sentimento de infância só era reconhecido pelas pessoas no momento da morte ou da concepção da vida, quando a alma era pintada como uma criança. Nesse período era muito comum que nos túmulos a representação das pessoas falecidas aparecessem com um corpo de criança. Os anjos também sempre eram representados como crianças sem sexo.

Geralmente, o leito de algum morto seria representado nas obras artísticas com homens com tamanho reduzido e almas de crianças saindo por suas bocas. E no ato da concepção de um novo ser, seria representado apenas em um casal repousando

em sua cama, e o espírito de uma criança chega dos ares e pousa na boca da mulher, que futuramente dará à luz a um filho.

Ainda no século V, na Europa, era muito comum, para a época, ver crianças envolvidas em ambientes propícios ou não para elas, seja em ambientes com cenas violenta ou com envolvimento íntimos, a criança sempre estava presente, isso devido ao sentimento que as pessoas davam para a infância. Na vida cotidiana uma cena bastante vista, era a de uma criança estando no mesmo lugar com adultos, independente do ambiente, poderia ser em reuniões de trabalho, passeios, jogo, tabernas; era muito comum se encontrar crianças com adultos, convivendo sem a menor distinção.

As crianças eram seres marginalizados da sociedade enquanto seres infantis, para as famílias tanto fazia se uma morresse ou não, pois teriam outras para sustentar e ajudar no cotidiano. As famílias sofriam com as perdas sim, mas não entravam em desespero, até por que era muito comum uma criança vir a óbito e se caso ainda não fosse batizada seria mais fácil ainda se desprender delas, pois ainda não eram consideradas seres divinos. Elas só iram aparecer dentro da sociedade a partir do século XIII, e vão receber toda atenção enquanto crianças por parte de todos que contribuem para formação de uma coletividade composta por todos os gêneros e significações.

Depois de passar anos na escuridão do cotidiano das pessoas, a criança ganha agora um espaço através da iconografia, começa a aparecer imagens de crianças em túmulos, as pessoas, agora, começam a querer guarda, alguma imagem de seus filhos para guarda como lembranças ou para usá-las, futuramente, em seus jazigos.

Esse costume de preservar uma foto das crianças, surgiu no século XVII e até hoje não desapareceu da vida das pessoas. Em alguns casos, mais antigos, por volta do século XIX, a pintura vem substituir a fotografia, juntamente com a preocupação de cuidar melhor da saúde das crianças.

### **3. A COMUNIDADE ALDEÃ E A INDIVIDUALIZAÇÃO DA INFÂNCIA**

Ao analisarmos os estudos de Jacques Gelis, percebemos que as comunidades mais primitivas acreditavam que as crianças eram a continuação da linhagem familiar.

Elas seriam a reencarnação dos avós, por exemplo. Por esse motivo, elas eram consideradas ao nascer um ser “público”, ela ainda não teria, e nunca teria enquanto criança, liberdade total com seu corpo, enquanto fosse criança seria um ser incompleto, imperfeito, que necessitaria de cuidados. Que em geral vinha da mãe, desde sua gestação.

Seu nascimento ocorria num local privado, no cômodo onde seus pais viviam, porém na presença de um grupo de parentas e vizinhas que transformavam o acontecimento em ato público. Seus primeiros passos eram dados simbolicamente no lugar onde repousavam os ancestrais, no cemitério, ou ainda na igreja, durante a missa, no momento da elevação. Era ainda um ritual público que assinalava o início de uma relativa autonomia da criança. Esses primeiros passos tranquilizavam os pais e provavam aos olhos de todos a continuidade da linhagem. (GELIS, 1991, p. 307)

O nascimento era o momento em que a família da criança teria a certeza de que sua linhagem continuaria, por esse motivo, no momento em que as criança fosse nascer ficavam várias mulheres próximo para confirmar. Como confirmariam em vários outros momentos. A exemplo, no seu batismo, cerimonia que uniria a criança a Deus, e livraria de doenças que pudessem por em risco futuramente sua fertilidade, que por sua vez atrapalharia a continuação da história da família.

A infância das crianças era caracterizada por a fase da aprendizagens, tanto das atividades de casa, como da aldeia e das redondezas onde viviam (em geral, essas práticas eram realizadas em várias aldeias francesas, lugar de pesquisa de nossos autores). Aprendiam também como se relacionar com outras pessoas, principalmente se fossem da mesma idade.

Será a partir desse momento que a criança começa a ser treinada, de modo grosseiro, para ser um adulto, os meninos antes de irem para a casa de outra pessoa e aprenderem outros ofícios, eram enviados com o pai para o campo, para aprender a agricultura, e as meninas ficavam em casa repetindo as atividades da mãe, para que um dia possa usar em sua própria casa. Todas as atividades realizadas pelas crianças e os adolescentes, eram para que, futuramente, não tivessem problema em continuar a família.

A única importância que a criança possuiria seria a de trazer ao mundo um ancestral, não havia nenhum sentimento de prazer em está com a criança ou de defendê-la.

No final do século XIV, sinais de uma nova relação com a criança surgem nos meios abastados das cidades. Trata-se menos de novas demonstrações de afetividade que de uma vontade cada vez mais reafirmada de preservar a vida da criança. (GELIS, 1991, p. 308)

Surge um novo sentimento referente a infância, as pessoas começam a demonstrar mais sentimentos por seus filhos, começam a se preocupar. O sentimento de preservação da vida desse novo ser, começa a ser cultivado na vida da sociedade da época.

A criança não será mais vista como a reencarnação de um ancestral, mas será vista como ele mesmo. Um ser perfeito, que precisa de cuidados e que trará alegria para o lugar onde morar.

Se antes, quando nascia, a criança era cuidada por sua mãe, agora ela seria cuidada por seu pai. A mãe teria, apenas, a obrigação de cuidar do filho enquanto estivesse em seu ventre, depois seria responsabilidade total do pai, educar e cuidar do filho.

#### **4. DOS CONTOS INFANTIS AO UNIVERSO DOS PEQUENOS HOMENS**

Antigamente, a História metódica ou positivista<sup>†</sup> era a única considerada “verdadeira”, confiável; ou seja, a única que poderia se fazer um estudo mais acentuado na veracidade dos fatos por sua pesquisa sempre ser realizada em documentos oficiais. Porém, a partir do século XIX a História Cultural francesa ganha mais importância no meio acadêmico, as pessoas começam a dar mais importância para a vida privada das pessoas, e começam a usar isso como fontes para estudar determinadas épocas.

O historiador Robert Darnton, é um desses exemplos que começaram a usar a vida particular das pessoas para se conhecer melhor o modo de vida das sociedades.

---

<sup>†</sup> História metódica ou positivismo, é uma corrente com berço na França, surgida no início do século XIX. Essa escola filosófica propõe que os valores humanos mantenham-se longe da teologia e a metafísica, aceitando apenas fatos que venham do conhecimento científico, que para o positivismo é a única forma de obter o verdadeiro conhecimento.



O autor é especialista em História da França no século XVIII, grande parte de seus estudos são voltados para o período do Iluminismo e para a Revolução Francesa.

O livro “O grande Massacre de Gatos”, dividido em seis capítulos e publicado em (2011), Darnton preocupa-se com a forma que as pessoas viviam na França por volta do século XVIII, o livro mostra as mentalidades, existentes nesse período, e como as pessoas lidavam com seus conflitos cotidianos.

Darnton no texto “Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso”, através da história cultural, acentua através de contos esse olhar que existia para a criança, tudo que as pessoas faziam estavam voltados para o ser adulto, a criança seria apenas um dos estágios no qual o homem adulto iria passar.

E é através dos contos que ele mostra isso, textos que não tinham muita veracidade pelo fato de ser histórias orais, e não texto oficiais, que realmente mostrava a realidade. Darnton pega esses textos, não menos importantes que os oficiais, e traduz a mensagem que eles queriam mostrar para a sociedade. Com o estudo realizado por ele nesses textos, podemos perceber que esses contos não eram feitos para as crianças, e sim, um alerta para os adultos, com história violentas, que causassem medo em quem as ouviam... E enquanto essas histórias fossem contadas, as crianças ficavam ouvindo juntamente com os adultos, não havia nenhuma preocupação quanto a mentalidade dessas crianças. “Os analistas examinaram minuciosamente os contos populares, identificando símbolos escondidos, motivos inconscientes e mecanismos psíquicos” (DARNTON, 2011, pg. 22).

Ao analisarem os contos, os analistas perceberam que por trás das histórias estavam informações que serviam como alerta para as pessoas da época. Alertavam para os perigos que a sociedade trazia e que elas podiam enfrentar. Os contos eram apenas uma forma de maquiagem os acontecimentos que não podiam ser ditos abertamente. O conto original da Chapeuzinho vermelho, por exemplo, relata cenas de canibalismo, pedofilia e strip-tease, que serviria para os adultos terem uma reflexão de como deveriam viver, para eles terem uma alerta dos perigos que passavam.

Por esses motivos, a maioria dos contos usados na Idade Média, contados em volta das fogueiras, podem ser analisados hoje como fonte histórica também. Os historiadores iram analisa-los identificando qual era proposta que eles tinham, e identificar qual o significado que iria ter na vida das pessoas que por motivos da época encontravam-se ocultos.

Evidências escritas provam que os contos existiam antes de ser concebido o 'folclore', neologismo do século XIX. Os pregadores medievais utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumento morais. Seus sermões, transcritos em coleções de 'Exempla' dos séculos XII ao XV, referem-se às mesmas histórias que foram recolhidas, nas cabanas dos camponeses, pelos folcloristas do século XIX. Apesar da obscuridade que cerca as origens dos romances de cavalaria, as canções de gesta e os *fabliaux*, parece que boa parte da literatura medieval bebeu da tradição oral popular, e não o contrário. (DARNTON, 2011, p. 31).

Os contos populares medievais aconteciam sempre oralmente pelas pessoas que faziam parte do cotidiano dos camponeses, as histórias serviam para animar os adultos, algumas vezes para distrair ou assustar as crianças, ou até mesmo para prevenir ou adverti-las dos perigos que rodeava as noites e as florestas em volta das aldeias.

Cada sociedade utiliza dos contos para narrarem histórias de acordo com sua realidade, de acordo com os momentos que estão vivendo, variando de cultura para cultura; franceses enfatizam humor, enquanto no início na Idade Média era usada a fantasia e o terror.

A vida privada das famílias camponesas eram muito difícil. Na maioria das vezes eles não tinham o que comer, dessa forma, a maioria acabava morrendo muito cedo de fome ou doenças. Geralmente entre cinco filhos dois chegavam a idade adulta, e os casamentos duravam poucos anos, devido falecimento de um dos conjugues.

Pela falta de condições, muitas vezes, os bebês eram sufocados por seus pais na cama – de forma oculta, pois a Igreja proibia esse tipo de reação – o que era facilitado pelo fato, das famílias dormirem todas amontanhadas umas nas outras, na mesma cama, para poder se aquecer do frio. Esse amontoamento das famílias nos mesmo lugares, permitia ainda que as crianças fossem participantes observadoras da vida sexual dos pais, pois, como as crianças não eram consideradas seres inocentes pelos adultos, eles não tinham o menor pudor de esconder suas relações sexuais dos filhos. No período medieval não havia uma distinção entre criança e adultos, existia apenas o sentimento de que os adultos passavam por um processo de evolução desde seu nascimentos, enquanto pequenos de adultos, ou adultos anões.

Os camponeses passavam por dificuldades constantes nas suas casas, e a única maneira de ajudar no campo com todos os serviços, para que posteriormente tivessem o que comer, seria colocando os filhos para trabalharem junto aos pais. Assim, nunca foi necessário separar uma parte da vida de seus filhos para que recebessem cuidados especiais. Os filhos participavam de tudo que os adultos participavam, eles viam cenas de relações sexuais de seus pais, conviviam com ambientes inapropriado para crianças, como também começavam a trabalhar muitas vezes antes mesmos que aprendesse a falar direito.

Na época era muito comum os contos falarem sobre famílias que viviam na miséria, sem nada para comer nem para dar aos filhos, o que acabava ocasionando o abandono dos filhos, para que eles mesmos procurem sua própria sorte. Um exemplo disso é a história do “Pequeno Polegar”: “Era uma vez um lenhador e sua mulher, que tinham sete filhos, todos meninos [...] Eram muito pobres e seus sete filhos se tronaram um pesado fardo, porque nenhum tinha idade suficiente para se sustentar [...] Chegou um ano muito difícil e a fome era tão grande que essa pobre gente decidiu livrar-se dos filhos” (ANDERSEN; GRIMM; PERRAULT, 2010, p.48).

Quando os contos não são de alerta, a maioria, é mostrando a necessidade que eles tinham por comida, capazes de tudo para consegui-la, até mesmo abandonar filhos ou usar de magia para consegui-la. Sem fazer repreensões nem dar lições, os contos demonstram que o mundo é árduo e perigoso, e nele pode existir problemas e momentos difíceis para todos, que ocasionem atitudes muitas vezes tomadas sem pensar. Embora, na maioria, não fossem endereçados às crianças, todos sempre estavam sugerindo para que as pessoas tomassem cuidado e cautela em suas ações.

Muitos dos contos eram contados para as crianças mesmo sendo de um gênero muito forte para elas (contos de terror). Não existia também essa leitura sobre o que as crianças poderiam ouvir ou não. A única preocupação era passar algum aprendizado bom ou ruim, apropriado para a idade ou não.

Essa forma de aprendizado, oralizada por meio dos contos, ajudou muito para formação da sociedade medieval e suas representações, já que parte da população não era alfabetizada, e podemos dizer também que viviam com o imaginário bem arraigada em suas mentes, possibilitando esse tipo de ensinamento.

E todos esses ensinamentos também contribuíram para as práticas realizadas no Novo Mundo, no período moderno, especificamente no Brasil, onde muitas das

histórias foram repassadas e praticadas, ou temidas por a população brasileira na época colonial. A exemplo dos contos de bruxas...

## **5. A HISTÓRIA DA CRIANÇA NO BRASIL.. PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM**

A história da criança no Brasil, no período colonial, é cheia de interferência de vários povos, europeus, africanos, indígenas; todos eles contribuíram com seus conhecimentos para que as crianças fossem cuidadas e que permanecessem vivas durante muito tempo, já que a taxa de mortalidade em crianças eram altas.

A historiadora Mery Del Priore, especialista em História Social, descreve muito bem em seu texto “O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o Império”, publicada em 1991, onde ela mostra a rotina que as crianças tinham no período inicial do Brasil. Desde seu nascimento até o período que começava a receber educação.

No texto a autora trabalha com a Nova História, uma história que irá tratar dos personagens que muitas vezes são esquecidos da História, como as mulheres, vítimas de preconceitos ou as crianças, que foi exatamente o que a autora abordou em seu livro. O texto “O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império”, enfatiza a forma que as crianças viviam, desde seu nascimento até o período em que ela começava a ser educada, a receber educação.

Priore traz para a nossa realidade as crenças e mitos que existiam e rondavam o pensamento das pessoas, a começar por a forma que cuidavam das crianças, com a associação de doenças à bruxas que eram temidas por todos, inclusive por os médicos do período abordado por ela, até a forma que as mães cuidavam da alimentação de filhos por medo de deixá-los morrer precocemente.

O texto é construído através documentos que a autora usa como fonte e relatos feitos da época por pessoas que viveram nesse tempo e deixaram seus registros.

### **5.1 O NASCIMENTO DA CRIANÇA NO BRASIL COLÔNIA**

A mentalidade das pessoas que viveram no período colonial ao império, eram cheias de superstições, crenças; e a criança é um dos seres mais envolvidos por todos

esses pensamentos desde seu nascimento onde se realizava toda uma cerimônia riquíssima em detalhes.

Ao lado da mãe da criança ficavam pessoas que fossem próximas a ela, sempre obedecendo o que a parteira indicasse, desde fitas coloridas envolta do útero a um fígado de galinhas cru preso a perna direita da grávida, para facilitar e permitir um parto tranquilo. Depois de nascido era necessário também ter cuidado com as crianças pois era necessário que ela permanecesse com saúde do mesmo jeito que estava no útero de sua mãe.

Assim que a criança nascia, as parteiras o banhavam com líquidos que era considerado “sagrado”, como vinho, limpo com substâncias oleaginosas, para que o bebê pudesse ser enfaixado com todas essas substâncias, e entre outros rituais que eram realizados em volta do recém-nascido para que ele continuasse forte e saudável e chagasse a “vingar”, a sobreviver mesmo fora da barriga da mãe.

Todo esse ritual foi se modificando aos poucos, com ajuda de médicos que incentivavam as mães a trocarem esses cuidados por outros, onde deveriam trocar todo esse banho com óleo por apenas água e sabão e trocar todos os “arrochos” por apenas tecidos finos. Desfigurando dessa forma a visão que tinham, onde a sujeira da criança devia ser resguardada por motivos de proteção contra qualquer tipo de mal, inclusive a bruxaria.

Os cuidados com as crianças, ainda no período colonial no Brasil, também se estendiam na área dos alimentos, para que as crianças crescessem fortes e saudáveis.

Na colônia, era bastante comum as mães alimentarem seus bebês com “papa”, ao invés de alimentar apenas com o leite materno. Embora, os médicos da época sempre alertavam para que a criança crescesse forte e saudável era necessário manter nos primeiros meses de vida apenas o leite derivado da mãe, o materno, e alerta ainda para o perigo de alimentar crianças com alimentos feitos com farinha, podendo causar mal-estar na criança ou algo pior, como problemas no estômago.

Porém nesse período, já se existia uma visão amorosa quanto as crianças, muitas mães davam esse tipo de alimentos para seus filhos com a esperança de que eles crescessem fortes e não precisassem perde-los muito cedo para a morte. Todos esses cuidados que haviam, tinham vindo junto com as mães africanas que vieram para o Brasil.

Quando a criança começava a ter seus primeiros dentinhos, começava também na dieta da família. Não havia mais diferença nenhuma na alimentação da criança e do adulto, acreditava-se que por ela já estava mastigando, já estava pronta para outras refeições mais rígidas.

## **5.2 PERIGOS QUE RODEAVAM AS CRIANÇA NA COLÔNIA... BRUXAS**

Um dos perigos que mais assombravam as mães, eram as bruxas.

Nesse período a mortalidade infantil era bastante comum entre as colônias, sempre tinham crianças ficando doentes de um tempo outro, e logo em seguida vindo a óbito. E para culpar pela morte das crianças vinham as bruxas que eram verdadeira “vampiras” de crianças, que sugavam a saúde da criança, fazendo com que ela chegasse a óbito... Os próprios médicos da época acreditavam que esse era o verdadeiro motivo da morte de tantas criança, chegando a passar receitas de como expulsar as bruxas de suas casas e comunidades, e assim garantir a sobrevivência de todas crianças, e ainda evitar a visita desses seres tão temidos em uma época. “Não se podia deixá-los sós à noite. Protegê-los graças a defumadouros na casa e na cama e ao uso de arruda entre os lençóis era obrigatório. Os aposentos deviam ser regados com cozimento de verbena e ‘os mínimos’, borrifados com o mesmo”. (PRIORI, 1991, p. 90).

Um tempo depois, foram realizados estudos em cima dessa questão, e descobriu-se que o causava essas mortes não eram bruxas, e sim o excesso de cuidados para com os bebês. Ao observar os filhos dos indígenas, os médicos perceberam que pelo fato deles sempre andarem com roupas leves e tomarem banho mesmo com água fria, continuavam vivos. As mães da colônia estavam acostumadas com várias roupas devidos ao clima europeu, e não se davam conta que o Brasil era um país quente e que se as crianças continuassem com diversas roupas apertadas poderiam ter problemas de pele.

O cuidado com a criança era evidente nesse tempo, diferente da Idade Média, as crianças eram cheias de mimos dos adultos, elas passavam de mãos-em-mãos o tempo todo, e todos queriam sempre está com elas em seus colos, pois à achavam graciosas e divertidas em seus gestos infantis.

Em muitos casos as crianças eram vistas como animaizinhos, brinquedos dos adultos. Eram as crianças que distraíam os ambientes, com suas brincadeiras e modos de falar.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através dessa pesquisa bibliográfica, podemos perceber que o sentimento de infância foi constituído historicamente, sendo a infância um tema tratável apenas na modernidade. É, a partir desse período, que a sociedade europeia passa a ter uma nova visão relacionada a criança, surgindo dessa forma sua individualização, ela terá agora um espaço reservado apenas para ela, em um espaço privado, e não mais público, com sua existência toda a disposição dos adultos.

A partir desse ponto de vista adotado pela sociedade europeia, a criança ganhou um novo lugar no seu cotidiano, passando a ter uma divisão do seu tempo, iniciando assim os novos ambientes, como as escolas, que irão receber as crianças com o intuito de educá-las, dedicando um tempo as fases da infância, de modo fazê-la melhores e diferentes dos adultos, acabando assim a prática de enviar as crianças para casa de outras pessoas para aprenderem algum ofício, como era realizado na Idade Média.

E notável, com as pesquisas, que por muito tempo, as crianças foram totalmente excluídas da sociedade, e podemos até dizer, que em determinado momento elas podem ter sido “usadas” por a sociedade para apagar um medo que havia no “esquecimento” das família, das gerações, da ancestralidade; no momento em que ficavam felizes com o nascimento das crianças, não por ser uma nova criança, mas porque ela iria crescer e ter mais filhos para continuar a linhagem da família.

Assim, suponho que a análise sobre estudo da visão da infância, da criança e de tudo que à representa, podemos analisar esses dois períodos (Idade Média e Idade Moderna) e fazer contraste com nosso tempo, e aprender. Dessa maneira, o presente trabalho pretende servir de guia a outras leituras possíveis, pois, podemos analisar a importância que a criança/infância tem nos dias atuais e realizar novas pesquisas para ver a significação desses seres no tempo atual.

## ABSTRACT

The target of this paper is to analyse the absence of the childhood feeling and the children universe, in a delimited space, in the middle ages, and to detect the ruptures and continuities, registered in the European society mentality in the modernity course, making clear the social construction of the childhood feeling and the eventual resignification of its role in the modernity. Our intention is to identify how these subjects, muted for a long time, neglected to the light of the History, of making History, were presented and represented in this transition period, between the mediocrity and the modernity. For this, it talks about a bibliographic research, which will analyse the authors that talk about the childhood subjects, the absence of the children feelings and, notably, of its gradual construction in the modernity course. So, we will be starting from the Phillipe Áries (1981) studies. In the claim that we analyze the absence of the childhood concept in this transition period, it sounds pertinent for us the researches of Robert Darnton (2011) in his analyses of the Mother Goose's Melody. Still about the childhood, the reading of Géllis (2009) enables us to think like, throughout the modernity, borne from the desire for civilize the bodies and the habits, it will have a individualization of the children. Therefore, we will guide the text by the following questions: can we talk about the childhood, or of a reserved space to the child in the transition of the middle ages to the modernity? Who were the children in the beginning of the modern times? How was the relation between the public and the private in the sociability process of the "little men"? What essential changes occurred in the course of the XVII and XVIII centuries that end to resignificate, rebuild, the paper, the place, the representation of the child in the modern society ? These are the questions that we want to answer in this paper.

KEY WORDS: Childhood. Middle age and Modernity. Representations.

## REFERÊNCIAS

ANDERSEN; GRIMM; PERRAULT. **Contos de fadas**. 1ed. Editora: Zahar, 2010.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. - Rio de Janeiro: LTC 2006.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.



DARNTON, R. **O Grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Graal, 2011.

GÉLIS, Jacques. **A individualização da criança**. In: CHARTIER, Roger. História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PRIORI, Mary Del. **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez 2007.